



Queridos leitores,

Quando eu tinha 12 anos, a banda Dire Straits lançou uma música chamada “Industrial Disease”, e ela tem dois versos que sempre chamaram minha atenção:

*Dois homens dizem que são Jesus.
Um deles deve estar errado.*

Essa música ainda é uma das minhas favoritas, mas, depois que me tornei autora de romances de época, comecei a mudar levemente a letra na minha cabeça:

*Dois homens dizem que são o duque Fulano de Tal.
Um deles deve estar errado.*

Eu não conseguia tirar isso da cabeça. Como será que dois homens poderiam achar ser o mesmo duque? Esse tipo de coisa não era sempre muito bem estabelecido? E, quando eu finalmente consegui entender como isso aconteceria, me veio a pergunta: qual deles seria o vilão?

Porém não seria muito mais interessante se *nenhum* fosse o vilão? Os dois poderiam ser mocinhos, não poderiam? Nesse momento eu percebi que precisaria escrever duas histórias, e foi aí que as coisas começaram a ficar interessantes. Enquanto eu desenvolvia os romances, notei que, se eu não quisesse que a trama e os personagens de uma história fossem determinados pela outra, eu precisaria escrevê-las simultaneamente. Cada uma delas tem seu próprio enredo, mas ambas compartilham a mesma trama principal. Como consequência, muitas cenas acontecem nas duas histórias, porém são narradas a partir de pontos de vista diferentes.

Tudo isso acabou dando um trabalhão (escrevi ao todo dezessete versões do rascunho!), mas tenho muito orgulho desta duologia, e espero que você venha a amar Jack & Grace e Thomas & Amelia tanto quanto eu.

Boa leitura!

Julia Q.



Julia Quinn
OS DOIS DUQUES
DE WYNDHAM

O FORA DA LEI



ARQUEIRO



O FORA DA LEI

CAPÍTULO UM

Ao longo dos cinco anos em que trabalhava como dama de companhia da duquesa viúva de Wyndham, Grace Eversleigh havia aprendido muito sobre aquela dama. E a lição mais importante de todas era a seguinte: por trás da fachada severa, exigente e altiva da duquesa *não batia* um coração de ouro.

O que não queria dizer que ele pertencesse às trevas. Não se poderia acusar a duquesa viúva de ser monstruosa. Ela não era cruel, nem maliciosa, nem de todo mesquinha. Porém Augusta Elizabeth Candida Debenham Cavendish era filha de um duque, casara com um duque e dera à luz outro duque. Sua irmã entrara para a família real de um pequeno país da Europa central cujo nome Grace nem sequer conseguia pronunciar e seu irmão era dono da maior parte da Ânglia Oriental. Até onde a viúva tinha conhecimento, o mundo era um lugar estratificado, com uma hierarquia clara e rígida.

E os Wyndhams, em especial os que vinham da família Debenham, se encontravam firmes no topo dessa hierarquia.

Assim, a viúva esperava determinadas atenções e deferências. Raramente se mostrava gentil, não tolerava estupidez e nunca oferecia elogios falsos. (Alguns diriam que ela nunca oferecia nenhum elogio, porém Grace testemunhara, precisamente em duas ocasiões, um “muito bem” seco mas sincero – embora ninguém tivesse acreditado nisso quando ela contou.)

A viúva, no entanto, a salvara de uma situação insuportável e, por esse motivo, conquistara a gratidão, o respeito e, acima de tudo, a lealdade de Grace. Mesmo assim, não dava para negar que a dama não era exatamente esfuziante. Por isso, Grace sentiu um grande alívio ao ver que a patroa dormia profundamente enquanto as duas voltavam para casa em uma elegante carruagem. O veículo seguia sem trepidações pelas estradas na escuridão da noite.

Grace se recriminou por seus pensamentos tão pouco generosos, já que a noite tinha sido encantadora. Desde a chegada à reunião social de Lincolnshire, a viúva se juntara a seus pares nos lugares de honra e não requisitara

nenhuma assistência. Por isso, Grace dançara e rira com amigas de longa data, tomara três taças de ponche e fizera troça de Thomas – sempre uma diversão. Ele era o atual duque e, com certeza, necessitava de um pouco menos de adulação em sua vida. Acima de tudo, Grace sorria sem parar. Tinha sorrido tanto que suas bochechas doíam.

A alegria pura e inesperada daquela noite continuava a vibrar dentro dela, que agora sorria sob a penumbra enquanto ouvia o ronco suave da viúva.

Apesar de não estar com sono, Grace fechou os olhos. Havia algo de hipnótico no movimento da carruagem. Ela ocupava o assento diante da viúva, viajando de costas, como sempre fazia, e as batidas ritmadas dos cascos dos cavalos a deixavam sonolenta. Era estranho sentir os olhos cansados enquanto o restante dela parecia desperto. Mas talvez um cochilo não fosse má ideia, uma vez que, assim que voltassem para Belgrave, ela deveria ajudar a viúva a...

Pôu!

Grace aprumou as costas e olhou para a patroa, que, milagrosamente, não despertara. Que som fora aquele? Alguém tinha...

Pôu!

Dessa vez a carruagem sacudiu e parou tão abruptamente que a viúva, sentada de frente para a estrada, foi arrancada do assento.

Por instinto, Grace se atirou de joelhos no mesmo instante, envolvendo a patroa nos braços para amparar sua queda.

– Que diabo...? – reclamou a viúva, mas ficou em silêncio ao perceber a expressão de sua acompanhante.

– Tiros – sussurrou Grace.

A viúva franziu os lábios e então, num gesto brusco, arrancou de seu pescoço o colar de esmeraldas e o jogou para Grace.

– Esconda – ordenou.

– Eu? – exclamou Grace com uma voz quase esganiçada, o que não a impediu de enfiar a joia debaixo de uma almofada.

Só conseguia pensar que adoraria enfiar um pouco de bom senso na cabeça da estimadíssima Augusta Wyndham. Não tinha a menor vontade de ser morta porque a viúva se recusara a entregar as joias...

A porta foi escancarada.

– A bolsa ou a vida!

Grace ficou petrificada, ainda agachada no chão junto à viúva. Devagar, ela levantou a cabeça e olhou para a porta. Mas a única coisa que viu foi o cano prateado e ameaçador de uma pistola apontado para sua testa.

– Senhoras – era a mesma voz e, dessa vez, soou um pouco diferente, quase educada.

Seu interlocutor deu um passo à frente para sair das sombras e, com um movimento gracioso, desenhou um arco com o braço para convidá-las a descer da carruagem.

– É uma honra ter sua companhia – murmurou.

Os olhos de Grace iam de um lado para o outro – o que era inútil, pois com certeza não havia como escapar. Virou-se para a viúva esperando encontrá-la em fúria, soltando fogo pelas ventas, mas a dama tinha ficado branca como cera. Foi então que Grace percebeu que ela tremia.

A viúva estava tremendo.

As duas estavam.

O saltador apoiou o ombro na moldura da porta. Sorriu – um sorriso lento, lânguido, com o charme de um despudorado. Grace não saberia dizer como conseguiu notar tudo isso quando metade do rosto do homem estava coberta pela máscara, mas havia três fatos claríssimos a respeito dele:

Ele era jovem.

Era forte.

E era perigosíssimo.

– Senhora – chamou Grace, dando um cutucão na viúva. – Acredito que devemos fazer o que ele manda.

– Adoro mulheres sensatas – disse ele, voltando a sorrir.

Apenas um sorriso breve dessa vez, erguendo ligeiramente o canto da boca de modo irresistível. A arma, porém, continuava apontada para ela, e aquele encanto não contribuía em nada para aliviar o medo de Grace.

Em seguida, ele lhe ofereceu o braço livre. *Ofereceu o braço*. Como se fossem entrar numa festa. Como se ele fosse um cavalheiro prestes a perguntar sobre o clima.

– Posso ajudá-las? – murmurou ele.

Grace balançou a cabeça de forma frenética. Não podia tocar nele. Não sabia exatamente *por quê*, mas tinha certeza absoluta de que pousar a mão sobre a dele seria um desastre completo.

– Muito bem – disse ele, com um pequeno suspiro. – As damas de hoje em dia são muito independentes. Na verdade, isso parte meu coração.

Ele se inclinou na direção dela, quase como se compartilhasse um segredo.

– Ninguém gosta de se sentir supérfluo – completou ele.

Grace se limitou a olhá-lo fixamente.

– Ficou sem palavras diante da minha graça e do meu encanto – disse ele, dando um passo para trás para permitir que as duas saíssem. – Acontece o tempo todo. Na verdade, eu não deveria ter permissão para me aproximar das damas. Causo incômodo às senhoras.

Só havia uma explicação. Ele era louco. Não importava a delicadeza de seus modos. Ele só podia ser louco. E estava armado.

– Algumas pessoas argumentariam, porém, que uma mulher em silêncio é o menor dos incômodos – divagou ele, com a arma firme nas mãos enquanto as palavras pareciam zigzaguear pelo ar.

Thomas concordaria, pensou Grace. Thomas, o duque de Wyndham – que anos antes insistira para que ela o chamasse pelo nome de batismo em Belgrave, depois de um diálogo ridículo recheado de *Vossa Graça, Srta. Grace, Vossa Graça* –, não tinha paciência para conversas fiadas.

– Madame – sussurrou ela com urgência, puxando a dama pelo braço.

A viúva não disse nenhuma palavra nem fez qualquer sinal com a cabeça, mas tomou a mão de Grace e permitiu que a ajudasse a descer da carruagem.

– Ah, bem melhor! – exclamou o salteador, com um imenso sorriso. – Que sorte a minha ter esbarrado com duas damas tão divinas. Pensei que seria saudado por um velho rabugento.

Grace deu um passo para o lado, mantendo os olhos grudados no rosto dele. Não parecia um criminoso, ou pelo menos a ideia que ela fazia de um criminoso. Seu modo de falar esbanjava educação e berço. Além disso, o nariz de Grace não acusava falta de banho por parte do sujeito.

– Ou talvez um daqueles jovens janotas enfiados em coletes apertados demais – continuou ele, passando a mão livre no queixo com ar meditativo. – Conhece esse tipo de indivíduo, não é? – perguntou a Grace. – Cara vermelha, bebe demais, pensa de menos.

E, para sua grande surpresa, Grace se pegou assentindo.

– Achei que conhecesse mesmo – respondeu ele. – Infelizmente, eles parecem se proliferar.

Grace piscou e permaneceu parada, observando a boca do homem. Era a única parte dele que ela *podia* observar, pois a máscara cobria a porção superior de seu rosto. Mas os lábios eram tão cheios de movimento, tão expressivos, tão bem desenhados que ela praticamente sentia que *podia* vê-lo. Era estranho. E fascinante. E mais do que um pouco perturbador.

– Pois bem – disse ele com o mesmo suspiro de tédio enganador que Thomas costumava utilizar quando queria mudar de assunto. – Estou certo de que as damas percebem que não se trata de uma reunião social. Não inteiramente.

Os olhos dele brilharam, voltando-se para Grace, e ele abriu um sorriso provocante.

Os lábios de Grace se entreabriram.

Os olhos dele – o que ela conseguia ver por trás da máscara – ficaram semicerrados e sedutores.

– Gosto de misturar negócios e prazer – murmurou ele. – Não costuma ser uma opção frequente, com tantos jovens corpulentos viajando pelas estradas.

Grace sabia que deveria reagir, até protestar, mas a voz do salteador era doce como o conhaque de boa qualidade que às vezes ofereciam a ela em Belgrave. Havia também uma levíssima inflexão melodiosa naquela voz, atestando uma infância passada bem longe de Lincolnshire. Grace sentiu que vacilava, como se fosse tombar para a frente, com leveza e suavidade, e se descobrir em outro lugar. Longe, bem longe dali.

Com a rapidez de um raio, a mão dele segurou o cotovelo dela, apoiando-a.

– Não vai desmaiar, não é? – perguntou ele, oferecendo com os dedos a pressão correta para mantê-la de pé.

Sem soltá-la.

Grace balançou a cabeça.

– Não – respondeu ela, a voz baixa.

– Tem a minha sincera gratidão. Seria um prazer ampará-la, mas eu precisaria largar a arma, e isso não pode acontecer, não é verdade?

Ele então se voltou para a viúva com uma risada.

– E a senhora nem pense nisso. Eu ficaria felicíssimo em segurá-la também, mas acredito que nenhuma das duas gostaria que meus parceiros se encarregassem das armas de fogo.

Foi somente naquele instante que Grace percebeu que havia outros três

homens. Claro, tinha que haver outros – ele não poderia ter orquestrado tudo sozinho. Mas os companheiros se mantinham em silêncio, preferindo permanecer nas sombras.

Além do mais, Grace não fora capaz de tirar os olhos do líder.

– Nosso cocheiro está ferido? – perguntou Grace, abismada por ter demorado tanto a se preocupar com o bem-estar do homem.

Nem ele nem o lacaios encarregado de escoltá-las estavam à vista.

– Nada que não possa ser curado com um pouco de amor e carinho – garantiu o salteador. – Ele é casado?

O que ele estava dizendo?

– Eu... acho que não – respondeu Grace, desconcertada pela pergunta.

– Nesse caso, mande-o para a taverna. Há uma mulher robusta por lá que... Ah, o que estou pensando? Esqueço que estou na presença de damas. Nesse caso, caldo quente e talvez uma compressa fria. E, depois disso, um dia de folga para encontrar aquele amor e carinho. O outro sujeito, aliás, está logo ali – disse ele, meneando a cabeça na direção de um grupo de árvores próximas. – Completamente ileso, eu garanto, embora ele talvez considere que suas amarras estão mais apertadas do que gostaria.

Grace corou e se voltou para a viúva, surpresa por ela não repreender o salteador por sua conversa vulgar. Mas a viúva continuava branca feito um lençol e fitava o ladrão como se estivesse vendo um fantasma.

– Senhora? – disse Grace, tomando sua mão no mesmo instante.

Estava fria e úmida. E frouxa. Completamente frouxa.

– Qual é o seu nome? – sussurrou a viúva.

– Meu nome? – repetiu Grace, aterrorizada.

Teria a dama sofrido uma apoplexia? Teria perdido a memória?

– *Seu* nome – repetiu a viúva com mais força, então ficou claro que ela se dirigia ao salteador.

Ele apenas riu.

– Fico encantado por receber a atenção de uma dama tão encantadora, mas com certeza não espera que eu revele meu nome durante um ato que poderia ser punido com a forca.

– Preciso saber seu nome – insistiu a viúva.

– E temo precisar de seus objetos de valor – respondeu ele.

Fez um respeitoso sinal com a cabeça na direção da mão da viúva.

– Esse anel, se puder me ceder.

– Por favor – sussurrou a viúva.

Grace virou a cabeça bruscamente para encará-la. A duquesa viúva raramente dizia “obrigada” e *nunca* dizia “por favor”.

– Ela precisa se sentar – disse Grace para o salteador.

Porque, com toda a certeza, a velha senhora estava mal. Sua saúde era excelente, mas ela já passara dos 70 anos e acabara de sofrer um choque.

– Não preciso me sentar – replicou a viúva, incisiva, soltando-se de Grace.

Então se virou para o salteador, arrancou o anel do dedo e o ofereceu. O homem o tomou, colocou-o na palma da mão e o guardou no bolso.

Grace se manteve em silêncio, observando, esperando que ele pedisse mais. Contudo, para sua surpresa, a viúva foi a primeira a se manifestar.

– Tenho outra bolsa na carruagem – contou ela, lentamente, com uma deferência surpreendente e totalmente atípica. – Permita-me que eu a pegue.

– Por mais que eu deseje atendê-la – disse ele, com suavidade –, sou obrigado a recusar. Até onde sei, a senhora pode ter duas pistolas escondidas sob o assento.

Grace engoliu em seco, pensando no colar de esmeraldas.

– Além disso – acrescentou ele, assumindo modos quase sedutores –, percebo que a senhora é do tipo mais enlouquecedor de mulher – falou ele, com um suspiro dramático. – Independente. Ah, admita.

Ele abriu um sorrisinho subversivo para a viúva.

– É uma amazona habilidosa, dona de excelente pontaria e capaz de recitar a obra completa de Shakespeare de trás para a frente.

A viúva pareceu ficar ainda mais pálida ao ouvir suas palavras.

– Ah, se eu tivesse vinte anos a mais – disse ele, suspirando. – Não permitiria que me escapulisse.

– *Por favor* – implorou a viúva. – Há algo que preciso dar ao senhor.

– Por essa eu não esperava. As pessoas raramente desejam me entregar algo. O que faz com que o indivíduo se sinta mal-amado – observou ele.

Grace se aproximou da viúva.

– Por favor, deixe-me ajudá-la.

Era óbvio que a patroa não estava bem. Não podia estar. Ela nunca demonstrava humildade, jamais implorava e...

– Fique com ela! – exclamou a viúva, de repente, agarrando o braço de

Grace e empurrando-a para o salteador. – Faça dela sua refém com a arma apontada para a cabeça, se assim desejar. Prometo, vou retornar. E vou retornar desarmada.

Grace titubeou, o impacto daquelas palavras deixando-a quase entorpecida. Tombou sobre o salteador e um dos braços dele a envolveu imediatamente. Era um abraço estranho, quase protetor, e ela percebeu que ele ficara tão aturdido quanto ela.

Os dois viram a viúva subir depressa na carruagem, sem esperar pela anuência dele.

Grace lutava para respirar. Suas costas estavam apoiadas nele, e a mão grande do homem estava pousada na sua barriga, a ponta dos dedos se curvando com delicadeza em torno do lado direito de seu quadril. Ela sentia o calor de seu corpo. Céus, ela nunca, *nunca*, ficara tão perto de um homem.

Sentia seu cheiro, sentia seu hálito, cálido e suave, em sua nuca. E então ele fez algo assombroso. Seus lábios se aproximaram da orelha dela.

– Ela não deveria ter feito isso – sussurrou ele.

Parecia... *gentil*. Quase compassivo. E severo, como se não aprovasse o modo como a viúva a tratara.

– Não estou acostumado a segurar uma mulher deste modo – murmurou em seu ouvido. – Em geral, prefiro um tipo diferente de intimidade. E você?

Ela nada disse, com medo de falar. Com medo de tentar falar e descobrir que não tinha voz.

– Não vou machucá-la – murmurou ele, os lábios esbarrando na orelha dela.

Os olhos de Grace pousaram na arma, ainda na mão direita do salteador. Parecia violenta e perigosa e estava encostada na sua coxa.

– Todos nós temos uma armadura – sussurrou ele.

Então ele mudou de posição e, de repente, sua mão livre pousou no queixo de Grace. Um dedo contornou de leve os lábios dela. Em seguida, ele se abaixou e a beijou.

Grace o fitou em choque quando ele se afastou, sorrindo para ela.

– Foi curto demais – disse ele. – Que pena!

Ele deu um passo para trás, tomou sua mão e a beijou também.

– Numa outra ocasião, talvez – sussurrou ele.

Porém não soltou sua mão. E, quando a viúva surgiu de dentro da caruagem, ele ainda a segurava, o polegar acariciando de leve a sua pele.

Grace estava sendo seduzida. Mal conseguia pensar – mal conseguia *respirar* –, mas sabia o que aquilo significava. Em alguns minutos, os dois se afastariam, ele não teria feito nada além de beijá-la e ela nunca mais seria a mesma.

A viúva se colocou diante deles. Se ela se importava de encontrar um salteador acariciando sua dama de companhia, não deixou transparecer. Em vez disso, apresentou um pequeno objeto.

– Por favor – implorou a ele. – Fique com isto.

Ele soltou a mão de Grace, seus dedos se despedindo com relutância da pele dela. Grace percebeu que a viúva segurava uma pequena pintura. Era o retrato de seu segundo filho, morto muitos anos antes.

Grace conhecia bem aquele retrato. A viúva o carregava por toda parte.

– Conhece esse homem? – sussurrou a viúva.

O salteador olhou para a pintura minúscula e balançou a cabeça.

– Olhe com mais atenção.

Porém ele apenas voltou a balançar a cabeça, tentando devolver o retrato para a viúva.

– Talvez tenha algum valor – disse um de seus companheiros.

Ele balançou a cabeça pela terceira vez e examinou atentamente o rosto da viúva.

– Jamais será tão precioso para mim quanto é para a senhora.

– Não! – exclamou a viúva, empurrando o retrato para ele. – Veja! Eu imploro, *veja!* Os olhos. O queixo. A boca. *São iguais aos seus.*

Grace prendeu a respiração.

– Sinto muito – disse o salteador com delicadeza. – A senhora está enganada.

Porém ela não se convenceu.

– A voz dele é a sua – insistiu ela. – O tom, o humor. Eu sei. Eu sei com tanta certeza quanto sei respirar. É meu filho. *Meu filho.*

– Senhora – interveio Grace, enlaçando-a com ar maternal.

Em condições normais, a viúva não permitiria tal gesto de intimidade, mas não havia nada de normal na patroa naquela noite.

– Madame, está escuro. Ele está de máscara. Não pode ser ele.

– Claro que não é ele – retrucou a dama, afastando Grace bruscamente.

Ela correu e Grace quase caiu aterrorizada quando todos os homens fizeram mira com as armas.

– Não a machuquem! – exclamou ela.

Contudo seu apelo era desnecessário. A viúva já havia segurado a mão livre do salteador e a agarrava como se ele fosse sua única salvação.

– Este é meu filho – disse ela, segurando o retrato com dedos trêmulos.

– Seu nome era John Cavendish e ele morreu há 29 anos. Tinha cabelos castanhos, olhos azuis e uma marca de nascença no ombro.

A dama engoliu em seco convulsivamente e sua voz se transformou num murmúrio.

– Adorava música, não podia comer morangos. E ele conseguia... conseguia...

A viúva engasgou, mas ninguém se pronunciou. O silêncio pesava no ar. Todos os olhos estavam na idosa até que ela finalmente conseguiu prosseguir, a voz pouco mais que um sussurro.

– Ele conseguia fazer qualquer um rir.

Grace nunca teria imaginado o que a viúva admitiria a seguir, voltando-se para ela.

– Até mesmo eu.

As palavras ficaram suspensas naquele instante silencioso e pesado. Ninguém se atreveu a falar. Grace não sabia dizer se alguém ali sequer respirava.

Olhou para o salteador, para sua boca, aquela boca expressiva e diabólica, e *soube* que algo estava errado. Seus lábios estavam entreabertos e, mais do que isso, imóveis. Pela primeira vez, sua boca não apresentava nenhum movimento e, mesmo sob a luz prateada da lua, era possível ver que ele empalidecera.

– Se isso significa algo para o senhor, pode me encontrar no castelo Belgrave. Ficarei à espera da sua visita – prosseguiu a viúva com determinação.

Em seguida, curvada e trêmula de um modo que Grace nunca a vira, a viúva deu meia-volta, ainda agarrando o retrato, e subiu na carruagem.

Grace se manteve imóvel, sem saber o que fazer. Não se sentia mais em perigo – por mais estranho que pudesse parecer, já que havia três armas apontadas para ela e uma, a do salteador – do *seu* salteador –, pendendo junto ao corpo dele. Porém elas haviam entregado apenas um anel – com

certeza não era um butim satisfatório para um bando de ladrões experientes. Por isso, ela hesitou em voltar para a carruagem sem permissão.

Pigarreou.

– Senhor? – disse ela, sem saber muito bem como se dirigir a ele.

– Meu nome não é Cavendish – falou ele, em voz baixa, num tom que só poderia ser ouvido por ela. – Mas já foi.

Grace teve um sobressalto.

Em seguida, com movimentos precisos e velozes, ele pulou no cavalo.

– Já acabamos por aqui – vociferou.

E Grace só pôde segui-lo com os olhos enquanto ele se afastava noite adentro.



Julia Quinn
OS DOIS DUQUES
DE WYNDHAM

O ARISTOCRATA



ARQUEIRO



○ ARISTOCRATA

CAPÍTULO UM

Era um *crime* que Amelia Willoughby ainda não fosse casada.

Pelo menos era o que sua mãe dizia. Amelia – ou melhor, lady Amelia – era a segunda filha do conde de Crowland, de modo que ninguém poderia culpar sua linhagem. Também nada havia a criticar na sua aparência para quem apreciase beldades inglesas clássicas – o que, para a felicidade de Amelia, consistia na maior parte da alta sociedade. Seu cabelo era de um tom louro médio, os olhos verdes tinham um toque acinzentado e a pele era lisa e clara (desde que Amelia se lembrasse de evitar o sol, pois as sardas não eram suas amigas).

Como a mãe gostava de enumerar, ela também tinha conhecimentos adequados, sabia tocar piano, pintar aquarelas e possuía todos os dentes (a essa altura, a mãe pontuava o discurso com um gesto entusiasmado). Melhor ainda: tais dentes eram perfeitamente alinhados, o que não podia ser dito de Jacinda Lennox, que fisgara o melhor partido da temporada de 1818, o marquês de Beresford. (Não sem antes rejeitar dois viscondes e um conde, como costumava relatar com frequência a mãe de Jacinda.)

Contudo, todos esses atributos empalideciam diante do que era, com certeza, o aspecto mais pertinente e determinante da vida de Amelia Willoughby: seu compromisso de anos com o duque de Wyndham.

Se Amelia não tivesse sido prometida ainda no berço a Thomas Cavendish (futuro herdeiro do ducado, que na época mal começara a dar os primeiros passos), com certeza não teria chegado à constrangedora idade de 21 anos sendo uma donzela solteira.

Tinha passado em Lincolnshire sua primeira temporada de eventos sociais, já que ninguém achava que ela precisava se dar o trabalho de fazer uma viagem a Londres. No ano seguinte, porém, passara a temporada na capital, porque o noivo da irmã mais velha, também comprometida desde o berço, tivera a infelicidade de contrair uma febre mortal, deixando a família sem herdeiros e Elizabeth Willoughby sem um futuro marido.

Na temporada seguinte, Elizabeth estava quase noiva (a família esperava que o pedido acontecesse a qualquer momento) e Amelia continuava com-

prometida com o duque. Ainda assim, as duas acabaram seguindo para Londres, porque teria sido embaraçoso permanecer no interior.

Amelia gostava bastante do tempo que passavam na cidade. Apreciava as conversas e, ainda mais, a dança. Se alguém conversasse com sua mãe por mais de cinco minutos, ouviria que Amelia já teria recebido meia dúzia de propostas – no mínimo – caso estivesse livre para se casar.

Como consequência, Jacinda Lennox teria continuado a ser Jacinda Lennox, em vez de marquesa de Beresford. E, acima de tudo, lady Crowland e suas filhas teriam mantido uma posição social mais elevada do que aquela pirralha irritante.

Infelizmente, a vida nem sempre era justa, como o pai de Amelia costumava dizer. Na verdade, raramente era. Bastava olhar para ele, ora! Cinco filhas. Cinco! Depois de sua morte, o condado, que vinha passando harmonicamente de pai para filho desde que havia príncipes na torre, seria devolvido à Coroa, sem que houvesse sequer um primo distante para se apresentar como herdeiro.

E – como o conde costumava lembrar à esposa – tinha sido graças às manobras precoces dele que uma de suas cinco filhas já estava com a vida assegurada e eles precisavam se preocupar apenas com as outras quatro, de modo que ela deveria fazer a *gentileza* de parar de reclamar do pobre duque de Wyndham e de sua demora em levar Amelia ao altar.

Lorde Crowland valorizava a paz e o sossego acima de tudo, algo que ele realmente devia ter levado em conta antes de escolher Anthea Grantham como noiva.

Ninguém supunha que o duque pudesse quebrar a promessa feita a Amelia e sua família. Pelo contrário, todos tinham certeza que ele era um homem de palavra e, se dizia que se casaria com Amelia Willoughby, por Deus, ele se casaria.

O problema era que ele pretendia cumprir a promessa quando fosse conveniente *para ele*. O que não era necessariamente conveniente para ela. Ou para a mãe dela, na verdade.

E ali estava ela, de volta a Lincolnshire.

E ainda era lady Amelia Willoughby.

– Não faz a menor diferença – declarou ela quando Grace Eversleigh tocou no assunto durante a reunião social de Lincolnshire.

Além de ser a melhor amiga de sua irmã, Elizabeth, Grace Eversleigh era

a dama de companhia da duquesa viúva de Wyndham. Portanto tinha muito mais contato com o futuro marido de Amelia do que a própria Amelia.

– Não quis dizer o contrário – garantiu Grace depressa.

– Ela só quis dizer que Sua Graça tem a intenção de permanecer em Belgrave pelos próximos seis meses, no mínimo – acrescentou Elizabeth, lançando um olhar estranho para Amelia. – E aí *you* disse...

– Sei o que eu disse – disparou Amelia, sentindo que ruborizava.

Não era bem verdade que soubesse. Não conseguiria repetir sua fala palavra por palavra, mas tinha a terrível desconfiança de que, se tentasse, seria algo parecido com:

Ora, com certeza parece bom, mas não devo tirar nenhuma conclusão. De qualquer maneira, o casamento de Elizabeth será no próximo mês e eu não poderia sonhar em levar adiante nosso compromisso tão cedo e, não importa o que digam, não estou com pressa de me casar com ele. Blá-blá-blá. Mal conheço o cavalheiro. Blá-blá-blá, continuo a ser Amelia Willoughby. E não faz a menor diferença.

O que não era o tipo de discurso que alguém desejaria lembrar.

Houve um momento de silêncio embaraçoso. Grace pigarreou.

– Ele disse que viria para cá.

– Disse?! – exclamou Amelia, voltando o olhar depressa para Grace.

Grace assentiu.

– Disse. Encontrei com ele no jantar. Ou melhor, eu o vi quando atravessou o aposento durante o jantar. Ele preferiu não fazer a refeição conosco. Acho que a avó e ele andaram brigando. O que não é incomum.

Amelia sentiu os cantos da boca se retesarem. Não era raiva. Nem mesmo irritação. Na verdade, era mais como resignação.

– Suponho que a viúva o tenha importunado falando de mim – disse Amelia.

Grace pareceu não desejar responder, mas no fim afirmou:

– Bem, ela falou.

Não havia nenhuma surpresa nisso. Todo mundo sabia que a duquesa viúva de Wyndham estava ainda mais ansiosa do que a mãe de Amelia para ver o casamento celebrado. E também era de conhecimento de todos que o duque considerava a avó insuportável. Amelia não se surpreendia que ele tivesse concordado em comparecer àquela festa só para que a avó o deixasse em paz.

Como *também* era notório que o duque cumpria com sua palavra, Amelia ficou convencida de que ele, de fato, apareceria por ali. E, como consequência, a partir de sua chegada, a noite seguiria um roteiro bem conhecido: todos olhariam para ele, depois todos olhariam para ela. Ele se aproximaria, os dois conversariam, constrangidos, por algum tempo. Ele a convidaria para dançar e ela aceitaria.

Quando terminassem, ele beijaria sua mão e partiria. Muito provavelmente sairia para buscar as atenções de outra mulher. Um tipo diferente de mulher. Uma que não fosse para casar.

Era algo em que Amelia preferia não pensar, embora não conseguisse evitar. Sinceramente, seria possível esperar que um homem fosse fiel *antes* do casamento? Conversara sobre isso algumas vezes com a irmã e, infelizmente, as duas chegavam sempre à mesma conclusão: não, não era possível. De modo algum, considerando que o homem em questão havia assumido o compromisso ainda na infância. Não seria justo esperar que ele renunciasse aos mesmos prazeres dos amigos apenas porque seu pai assinara um contrato duas décadas antes. Quando a data do casamento fosse marcada, porém, seria *diferente*.

Ou melhor, seria diferente se os Willoughbys conseguissem que Wyndham marcasse uma data.

– Você não parece muito animada com a possibilidade de vê-lo – pontuou Elizabeth.

Amelia suspirou.

– Não estou. Verdade seja dita, eu me divirto bem mais quando ele não aparece.

– Ah, ele não é tão terrível assim – garantiu Grace. – Na verdade, ele chega a ser doce para quem o conhece melhor.

– Doce? – repetiu Amelia, incrédula.

Tinha visto o sujeito sorrir, mas nunca mais de duas vezes na mesma conversa.

– Wyndham? – acrescentou Amelia.

– Talvez eu tenha exagerado – recuou Grace. – Mas o duque será um ótimo marido, Amelia, eu garanto. Ele pode ser muito divertido quando quer.

Amelia e Elizabeth fitaram a amiga com tanta incredulidade que Grace começou a rir.

– Não estou mentindo! – assegurou Grace. – Eu juro. Ele tem um senso de humor endiabrado.

Amelia sabia que Grace tinha boas intenções, mas seus comentários não a reconfortavam. Não sentia ciúme. Com certeza, não estava apaixonada por Wyndham. Como poderia? Raramente tinha a chance de trocar mais do que duas palavras com o homem. Mesmo assim, era um tanto perturbadora a forma como Grace Eversleigh passara a conhecê-lo tão bem.

E Amelia não podia se abrir sobre isso com Elizabeth, a quem costumava confidenciar tudo. Elizabeth e Grace eram grandes amigas desde que se conheceram, aos 6 anos. Elizabeth diria que ela estava sendo boba. Ou lhe lançaria um daqueles terríveis olhares que queriam transmitir compreensão, mas traíam piedade.

Amelia recebia muitos desses olhares nos últimos tempos. Em geral, quando se tocava no assunto “matrimônio”. Se fosse adepta a jogos (como pensava que poderia ser se tivesse a oportunidade de experimentar), ela apostaria que já havia recebido olhares compreensivos e piedosos de pelo menos metade das jovens da alta sociedade. E de todas as mães.

– Esta vai ser nossa missão para o outono – anunciou Grace subitamente, com o olhar vivo, cheio de determinação. – Amelia e Wyndham vão finalmente se conhecer melhor.

– Grace, não. *Por favor...* – disse Amelia, corando.

Nossa, como aquilo era desconcertante: ser *a missão* de alguém.

– Cedo ou tarde, vai ter que conhecê-lo melhor – atalhou Elizabeth.

– Na verdade, não preciso. Quantos aposentos existem em Belgrave? Duzentos? – respondeu Amelia, cheia de ironia.

– São 73 – corrigiu Grace.

– Eu poderia passar semanas sem vê-lo. Até anos.

– Está sendo boba – disse a irmã. – Por que não vem comigo a Belgrave amanhã? Arranjei uma desculpa sobre mamãe ter me pedido que devolvesse alguns livros da viúva. Assim posso fazer uma visita a Grace.

Grace se virou para Elizabeth com um ar levemente surpreso.

– Sua mãe pegou livros com a viúva?

– Pegou, sim – respondeu Elizabeth, e então acrescentou com recato: – A meu pedido.

Amelia ergueu as sobrancelhas.

– Mamãe não é uma grande leitora.

– Não era possível pedir o piano emprestado – retorquiu Elizabeth.

Na opinião de Amelia, a mãe tampouco possuía grande talento musical, mas não parecia haver motivos para mencionar isso. Além do mais, a conversa foi interrompida bruscamente.

Ele havia chegado.

Mesmo de costas para a porta, Amelia reconheceu o momento exato em que Thomas Cavendish entrou no salão, porque, raios, ela já havia passado por aquilo.

Fez-se silêncio.

Ela contou cinco segundos. Havia muito que aprendera que os duques exigiam mais do que a média de três segundos de silêncio. Depois começariam os cochichos.

Em seguida, Elizabeth cutucou suas costelas como se ela precisasse ser alertada sobre a chegada do noivo.

E então – ah, ela via a cena inteira na sua cabeça – a multidão se abriu como o mar Vermelho e o duque a atravessou, com porte altaneiro, passos orgulhosos e cheios de propósito. Ele se aproximava e estava quase, quase, quase chegando...

– Lady Amelia.

Ela se preparou e virou para ele.

– Vossa Graça – saudou-o com o sorriso neutro que ela sabia ser exigido dela.

O duque tomou sua mão e a beijou.

– Está encantadora.

Ele sempre dizia aquilo.

Amelia murmurou um agradecimento e esperou com paciência enquanto ele cumprimentava sua irmã. Ele se dirigiu a Grace.

– Vejo que minha avó a libertou de suas garras esta noite.

– Sim – respondeu Grace com um suspiro feliz. – Não é maravilhoso?

Ele sorriu e Amelia reparou que não era o mesmo tipo de sorriso oficial que ele costumava lhe dar. Era um sorriso amigável.

– É mesmo uma santa, Srta. Eversleigh – disse ele.

Amelia olhou para o duque e depois para Grace, e se perguntou, perplexa: *O que é que ele pensa?* Grace não tinha opção. Se ele realmente a achava uma santa, deveria providenciar um dote para ela e lhe arrumar um marido para que não precisasse passar o resto da vida submetendo-se às exigências da avó dele.

Porém ela ficou de boca fechada, claro. Não era o tipo de alerta que se pudesse dar a um duque.

– Grace nos contou que Vossa Graça planeja passar vários meses no interior – comentou Elizabeth.

Amelia quis chutá-la. O que estava subentendido era: se ele tinha tempo para ficar no interior, deveria ter tempo para finalmente se casar com sua irmã.

E de fato os olhos do duque carregavam uma expressão ligeiramente irônica quando ele murmurou:

– É verdade.

– Estarei ocupadíssima até novembro, no mínimo – deixou escapar Amelia.

Porque de repente se tornou imperativo que o duque compreendesse que ela não passava os dias bordando perto da janela enquanto esperava ansiosamente sua chegada.

– Estará? – murmurou ele.

Ela ergueu os ombros.

– Estarei.

Ele franziu ligeiramente os olhos, que eram de um tom lendário de azul. Não havia raiva em sua expressão; ele parecia achar graça, o que talvez fosse pior. Estava *rindo* dela. Amelia não sabia por que demorara tanto a perceber. Durante todos aqueles anos tinha acreditado que ele apenas a ignorava...

Ah, minha noossa.

– Lady Amelia – falou o duque com um ligeiro meneio de cabeça, a saudação máxima que ele se dispunha a fazer –, poderia me conceder a honra de uma dança?

Elizabeth e Grace se voltaram para ela, ambas sorrindo serenamente, cheias de expectativas. Aquela cena já acontecera muitas vezes. E as três sabiam como deveria se desenrolar.

Principalmente Amelia.

– Não – disse ela antes de ser capaz de pensar melhor.

Ele piscou.

– Não?

– Não, obrigada.

E ela deu um lindo sorriso, porque gostava de ser educada.

Ele pareceu estupefato.

– Não deseja dançar?

– Hoje não. Acho que não.

Amelia olhou de esguelha para a irmã e Grace. As duas pareciam horrorizadas.

Amelia se sentiu *maravilhosa*.

Sentiu-se autêntica, algo que ela não tinha permissão de ser na presença dele. Ou na expectativa da presença dele. Ou mesmo depois.

Tudo girava em torno *dele*. Wyndham era assim, Wyndham era assado e como Amelia era sortuda por ter fisgado o duque mais bonito do país sem precisar fazer o menor esforço.

Na única vez que permitira que seu senso de humor irônico emergisse, ela chegara a dizer: “Mas é claro que tive de fazer esforço. Precisei levantar meu chocalhinho de bebê.” Acabara recebendo um olhar incrédulo junto com resmungos de “íngrata”.

A conversa fora com a mãe de Jacinda Lennox, três semanas antes de Jacinda receber uma chuva de pedidos de casamento.

Era por isso que Amelia em geral ficava de boca fechada e fazia o que se esperava dela. Mas naquele momento...

Ora, não se encontravam em Londres e sua mãe não estava olhando. E ela estava *cansada* do modo como ele a mantinha presa numa coleira. Era verdade: ela já poderia ter encontrado alguém. Poderia ter se divertido. Poderia ter beijado um homem.

Ah, isso não. Não seria possível. Não era tola e valorizava sua reputação. Mas poderia ter ao menos imaginado um beijo, o que não fizera.

E, como não fazia ideia de quando se sentiria tão audaciosa de novo, ela sorriu para o futuro marido e disse:

– Mas deve dançar, se está com vontade. Tenho certeza de que há muitas damas que ficariam felizes com tamanha honra.

– Mas eu gostaria de dançar com a senhorita – insistiu ele.

– Talvez em outra ocasião – respondeu Amelia, abrindo seu sorriso mais encantador. – Obrigada!

E se afastou.

Ela se afastou.

Amelia sentiu vontade de saltitar. Na verdade, ela chegou mesmo a dar um pulo. Mas só depois de estar longe dos olhos de todos.



Thomas Cavendish gostava de pensar em si mesmo como um homem razoável, ainda mais porque sua posição de destaque sendo o sétimo duque de Wyndham lhe permitiria as atitudes mais descabidas. Mesmo que ele se comportasse como um louco, vestisse roupas extravagantes e declarasse que o mundo tinha forma triangular, a alta sociedade ainda se curvaria diante dele, disputando sua atenção e sorvendo suas palavras.

Seu pai, o sexto duque de Wyndham, não havia se comportado como um louco, não usara trajes extravagantes nem declarara que o mundo era triangular, mas *com certeza* fora bem pouco razoável. Por esse motivo, Thomas se orgulhava de seu temperamento ponderado, da inviolabilidade de sua palavra e de sua capacidade de encontrar humor no absurdo, qualidade que tinha escolhido não revelar para muita gente.

E aquela situação era um completo absurdo.

Contudo, conforme a notícia da partida de lady Amelia se espalhou pelo salão, todas as cabeças se viraram na direção dele. Thomas começou a perceber que a linha entre o humor e a fúria era tão fina quanto a lâmina de uma faca.

E duas vezes mais afiada.

Lady Elizabeth, muito pálida, o encarava com ar aterrorizado, como se ele pudesse se transformar num ogro e destroçar alguém a qualquer instante. E Grace – aquela ardilosa – parecia prestes a cair na gargalhada.

– Não faça isso – alertou ele.

Ela obedeceu com dificuldade, então ele se dirigiu a lady Elizabeth:

– Devo buscá-la?

Ela o olhou fixamente, em silêncio.

– Sua irmã – esclareceu ele.

Não houve resposta. Deus do céu. Ninguém mais dava educação para as mulheres?

– Lady Amelia – disse ele, caprichando na dicção. – Minha noiva. Aquela que acabou de me rejeitar.

– Não diria que tenha sido uma *rejeição* – balbuciou Elizabeth por fim.

Ele a contemplou por um tempo desconfortável (para Elizabeth; o duque estava perfeitamente à vontade). Então se voltou para Grace, uma das poucas pessoas do mundo de quem ele podia esperar completa sinceridade, como descobrira fazia muito tempo.

– Devo buscá-la?

– Ah, deve sim – disse ela com os olhos cheios de malícia. – Vá buscá-la.

As sobranceiras dele se ergueram enquanto ele pensava para onde aquela mulher podia ter se dirigido. Não teria ido embora. As portas da frente davam para a rua principal de Stamford – com certeza não seria lugar apropriado para uma mulher desacompanhada. Nos fundos, havia um pequeno jardim. Thomas nunca tivera a oportunidade de visitá-lo, mas já ouvira falar que muitas propostas de casamento foram feitas em seus confins verdejantes.

Proposta de casamento, nesse caso, era uma espécie de código. Porque propostas de casamento propriamente ditas costumavam acontecer quando as pessoas estavam mais vestidas do que durante um passeio clandestino no jardim dos fundos do salão de festas de Lincolnshire.

Entretanto Thomas não se preocupava muito em ser encontrado a sós com lady Amelia Willoughby. Já estava amarrado a ela, não estava? Não poderia adiar o casamento por muito mais tempo. Tinha informado aos pais da jovem que esperaria que ela completasse 21 anos para desposá-la. Com certeza, não deveria faltar muito para que ela chegasse à idade estipulada.

Isto é, se já não tivesse chegado.

– Minhas opções parecem ser as seguintes – murmurou ele. – Eu poderia buscar minha linda noiva, arrastá-la para uma dança e demonstrar para todos os presentes que tenho total controle sobre ela.

Grace pareceu achar graça. Elizabeth, porém, ficou um tanto esverdeada.

– Mas pareceria que eu me importo com a situação – prosseguiu ele.

– E não se importa? – perguntou Grace.

Ele pensou no assunto. Era verdade que tinha ficado com o orgulho ferido, mas, acima de tudo, achara graça.

– Nem tanto – respondeu e, depois, como Elizabeth era irmã da dama, acrescentou: – Desculpe-me.

Ela assentiu de leve.

– Por outro lado, eu poderia simplesmente ficar por aqui. Recusar-me a fazer uma cena.

– Ah, acho que a cena já aconteceu – murmurou Grace, lançando um olhar maroto na direção dele.

Ele deu uma resposta à altura.

– Tem sorte por ser a única pessoa capaz de tornar minha avó tolerável.

Grace se voltou para Elizabeth.

– Aparentemente, não posso ser demitida.

– Por mais que eu esteja tentado – acrescentou Thomas.

Os dois sabiam que aquelas palavras não eram verdadeiras. Thomas teria se jogado aos pés de Grace se necessário, só para mantê-la como acompanhante da avó. Para sorte dele, Grace não mostrava a mínima inclinação para partir.

Mas ele teria feito aquilo. E triplicado seu salário. Cada minuto que Grace passava na companhia de sua avó era mais um minuto em que ele não precisava ficar junto da viúva. E, na verdade, aquilo não tinha preço.

No momento, contudo, aquele não era o problema. A avó estava na sala ao lado, junto com seu grupo de conhecidos de longa data, e ele tinha a intenção de entrar e sair sem que os dois tivessem que trocar uma palavra sequer.

Sua noiva, porém, era outra história.

– Acredito que devo permitir a ela um momento de triunfo – disse ele, chegando a essa conclusão enquanto as palavras saíam de seus lábios.

Não sentia necessidade de demonstrar sua autoridade – alguém duvidava dela, por acaso? – e não apreciava a ideia de que o bom povo de Lincolnshire pudesse imaginar que ele estava perdido de amores pela noiva.

Thomas não era do tipo que se rendia a paixões intensas.

– É muita generosidade de sua parte, devo dizer – comentou Grace, com um de seus sorrisos mais irritantes.

Thomas deu de ombros. De leve.

– Sou um homem generoso.

Elizabeth arregalou os olhos. Thomas achou que podia ouvir o som de sua respiração. Mas, afóra isso, ela não emitia nenhum som.

Uma mulher silenciosa. Talvez devesse se casar com *aquela ali*.

– Então vai embora? – perguntou Grace.

– Está tentando se livrar de mim?

– De modo nenhum. Sabe que sempre me alegro com sua presença.

Ele teria devolvido o sarcasmo à altura, mas, antes de responder, espiou uma cabeça – ou melhor, a pontinha de uma cabeça – surgindo por trás da cortina que separava o salão do corredor lateral.

Lady Amelia. Não tinha ido muito longe, afinal de contas.

– Vim para dançar – anunciou ele.

– Mas você detesta dançar – ressaltou Grace.

– Não é verdade. Detesto ser obrigado a dançar. É uma situação completamente diferente.

– Posso encontrar minha irmã – disse Elizabeth, depressa.

– Não seja boba. É óbvio que ela também detesta ser obrigada a dançar.

Grace vai ser minha parceira.

– Eu?

Grace pareceu surpresa.

Thomas fez sinal para o pequeno grupo de músicos na frente do salão. Eles ergueram os instrumentos no mesmo instante.

– Você. Não supõe que eu dançaria com mais alguém daqui, não é?

– Tem a Elizabeth – disse ela, enquanto ele a levava para o meio do salão.

– Com certeza, está brincando – murmurou ele.

Elizabeth Willoughby ainda não tinha se recuperado da palidez que a abatera quando a irmã dera as costas e saíra do salão. Os esforços despendidos com a dança provavelmente a fariam desmaiar.

Além do mais, Elizabeth não serviria a seus propósitos.

Ele olhou de relance para Amelia. Para sua surpresa, ela não se escondeu às pressas atrás da cortina.

Ele sorriu. Só um pouquinho.

Então viu que ela ficou de queixo caído. O que lhe pareceu muito satisfatório.

Depois disso, ela se escondeu atrás da cortina, mas Thomas não se preocupou. Ela observaria a dança. Cada passo.

CONHEÇA OS LIVROS DE JULIA QUINN

OS BRIDGERTONS

O duque e eu
O visconde que me amava
Um perfeito cavalheiro
Os segredos de Colin Bridgerton
Para Sir Phillip, com amor
O conde enfeitado
Um beijo inesquecível
A caminho do altar
E viveram felizes para sempre
Os Bridgertons, um amor de família

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso
Uma noite como esta
A soma de todos os beijos
Os mistérios de sir Richard

AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira
Como se casar com um marquês

IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua
Mais forte que o sol

OS ROKESBYS

Uma dama fora dos padrões
Um marido de faz de conta
Um cavalheiro a bordo
Uma noiva rebelde

TRILOGIA BEVELSTOKE

História de um grande amor
O que acontece em Londres
Dez coisas que eu amo em você

DAMAS REBELDES

Esplêndida – A história de Emma
Brilhante – A história de Belle
Indomável – A história de Henry

Os dois duques de Wyndham – O fora da lei / O aristocrata

editoraarqueiro.com.br

